

ENCONTROS DE PROFESSORES PARA ESTUDOS DE LETRAMENTO, LEITURA E ESCRITA: A AUTORIA DE TEXTOS DOCENTES

Ludmila Thomé de Andrade
lud@litura.com.br

Professora titular da Faculdade de Educação da UFRJ. Focaliza sua pesquisa sobre o tema da formação docente, especialmente a formação continuada, sem entretanto deixar de extrair reflexões sobre a formação inicial e as políticas de formação docente. Com sua pesquisa desenvolvida no período entre os anos de 2011 e 2014, passou a propor formatos didático-metodológicos para a formação de professores, em coerência com uma certa concepção discursiva, que encerra princípios dialógicos da teoria bakhtiniana da linguagem e incorpora procedimentos de análise calcados na Análise do Discurso de linha francesa, tomando as interações nas quais os protagonistas são os professores (professores e formadores, professores e alunos, professores e professores) como fonte de produção de teorias sobre a formação profissional de docentes.

Apresento com muito prazer este conjunto de textos, escritos por professores, que retratam, com sua letra, processos pedagógicos realizados com sucesso com seus alunos. Leio esta preciosa coleção de textos como se fossem meus também. Não que queira roubá-los, publicá-los como se fosse eu a sua autora, com um sentimento de admiração invejosa. Meu sentimento é outro, o de sua leitora profunda, que os reescreve ao lê-los, o de quem fica tão feliz ao conhecê-los e revisitá-los que se sente reescrevendo-os.

Ler é de certa forma escrever. Assim como para escrever, temos que ser leitores. Como o leitor e escritor retratado por Borges em seu conto fantástico, *Pierre Menard autor do Quixote*, um escritor que escreve (ou reescreve, ou lê) o romance clássico de Miguel de Cervantes, em forma de manuscritos, como se fosse de sua própria mão. Inicio esta apresentação confessando-lhes meu sentimento de que os textos desta coletânea parecem-me mesmo ser um pouco meus, por serem fruto de um processo de que participei investida e ativamente, sendo uma leitora autora.

Durante quatro anos (2011 a 2014), fui a coordenadora de uma pesquisa-formação intitulada *As (im)possíveis alfabetizações de crianças de classe popular pela visão dos professores da escola pública*, processo longitudinal, de que participaram em torno de 70 professores, poucos tendo tido uma frequência integral aos encontros semanais, na universidade, mas muitos retornando, após terem que se ausentar, ou permanecendo por mais de dois anos sem interrupção. Estes encontros sistemáticos, estendidos no tempo, concentrados no meu espaço

de trabalho universitário, com os professores da educação básica, dedicados ao tema da leitura e escrita, foram férteis de autoria.

Os professores tornaram-se autores, de suas escritas e de suas práticas. Não foi fácil o primeiro processo desta forma de fazer pesquisa junto aos professores, mas fomos aprendendo, remanejando nossas formas de fazer, nossas formas de pensar. Queríamos formar os professores, porém o sentido que aprendemos sobre esta formação, esta ação de formar, foi ganhando significados ao longo da pesquisa, em constante monitoramento e análise de nossa parte.

O nome dos encontros de formação eram (e continuam sendo, tendo sido hoje transformados em um curso de extensão de duração anual) *Encontros de professores para estudos de Letramento, Leitura e Escrita*, abreviando-se na sigla EPELLE¹. A chave dos princípios dessa formação docente, planejada por nós e apropriada pelos professores que por ela passaram, certamente está na palavra *encontro*. Encontramo-nos, encontrávamos, entre nós, formadores e professores, professores e professores.

Os professores traziam, para aquele espaço, os relatos e discussões de seus encontros ocorridos na escola, com seus alunos, em suas salas de aula. Os mestrandos e doutorandos frequentadores deste campo de pesquisa, que buscavam ali elementos de análise para suas questões de pesquisa, encontravam-se também, consigo mesmo em sua versão professores, em processo de formação de pesquisadores. Alçadas à condição de formadoras, nós universitárias, pesquisadoras já qualificadas, encontrávamos com as identidades em circulação, em processos de constituição renovada.

A ideia de encontro remete às identidades em processo de interconstituição. Se encontramos com o outro, algo de nós se modifica. Saímos de modo alterado dos encontros, não somos mais os mesmos, levamos algum elemento que o outro nos imprimiu, ou extraiu, ao nos tocar com suas palavras.

¹ A palavra *épelle*, em francês, associa-se ao verbo soletrar, em conjugações com algumas pessoas verbais, querendo dizer *soletre* ou *soletra*. O verbo *épeler*, conjugado no presente, tem este som em algumas pessoas verbais do presente: J`**épelle**, tu **épelles**, il/elle **épelle**, nous *épelons*, vous *épelez*, ils/elles **épellent**. Também no imperativo ("soletre!"), tem o mesmo som, para a pessoa verbal *Tu*, que é como são tratados os alunos da escola, pelos professores: tu **épelle**.

Perguntávamos constantemente: nestes encontros, eu formadora encontro-me com os professores que lá estão? Ou restritamente encontro-me apenas com a representação prévia que trago deles a partir de minha experiência? Encontram-se os professores que se encontram presentes? Eles entre eles, eu com “estes eles” que se apresentam? O que eles apresentam de si é realmente o que eles enunciam? Seus discursos remetem a quem são? Ou estão reproduzindo um discurso que consideram aceitável e legitimado?

Íamos escapando, a cada semana, nós todos interlocutores naquele processo de formação, de armadilhas que comumente aprisionam o professor, em desenhos prévios. Mas o perigo e a beleza eram a certeza de ignorarmos o que eles se tornariam, naqueles encontros: novas identidades em gestação, o imponderável da formação docente. A mim, pesquisadora formadora, caberia apenas ouvir, escutar, perceber, apreciar e me sensibilizar, para produzir, por minha vez, uma resposta, que esperaria então que fosse por eles escutada e assim sucessiva e infinitamente, de parte a parte, ou vice-versa.

Nas interações efetivamente ocorridas no processo de formação, projetam-se autores. E assim emergem as autorias, espelhando-se em outras autorias. Apostamos na produção de autorias pelos processos de interação alteritária e pela via da linguagem, ou seja, em interações, mas naquelas interações que se podem qualificar de interlocuções, porque passam pela mediação da produção de linguagem.

O processo de produção destes textos esteve portanto comprometido num processo de formação profissional docente. Seu solo, onde foi fertilizado e se germinaram as escritas profissionais dos textos de professores, ou seu mar, para imaginar uma metáfora mais ampla e flexível, como o meio líquido onde se criaram os desejos de escrever, abrindo-se comportas para que os fluxos do querer-dizer docente pudessem correr, se materializando nos textos aqui apresentados.

Os professores assim constituídos como autores descrevem, em seus textos, aqui apresentados, práticas pedagógicas escolares efetivamente realizadas, selecionadas por eles mesmos como interessantes, não necessariamente por serem “bem sucedidas”, não necessária e consensualmente consideradas “boas práticas”, mas escolhidas pelos próprios praticantes por sua densidade. Densas de

subjetividade, de um trabalho com a linguagem e conseqüentemente com os sujeitos que falam (e escrevem e leem, e analisam a língua e a produzem).

A densidade se referiria também a uma dosagem de experiência, no sentido que Jorge Larrosa indica, inspirado pela teoria de Walter Benjamin, em que algo nos atravessa, nos "fura", nos perpassa, em português, não deixando intactos os sujeitos que passam pelos acontecimentos.

A vontade de dizer fica alterada pela experiência que então se deseja contar. Se não fosse nestes termos, porque se escolheria um episódio para ser relatado, em detrimento de outros? O critério da subjetividade, da experiência, remete a nossos pressupostos de pensar a linguagem como discurso, cujas enunciações permitidas marcam os sujeitos e simultaneamente se marca também a linguagem. Esta é a coerência teórica de uma concepção de linguagem que esteve presente sendo experimentada e validada em todo o processo de formação docente.

A escrita dos textos aqui apresentados é portanto de responsabilidade de todos, pois as responsabilidades produzem-se nas interlocuções, de acordo com Bakhtin, naquilo que nos provoca a responder ao outro e que equivale a uma responsabilidade, que quem nos dirige a palavra nos impinge. Esta a interlocução, enunciativamente englobando-nos, abrangendo-nos, no que está sendo pronunciado e assim, dentro deste compromisso mútuo, do laço que se cria, o enunciado torna-se enunciação.

Nossa ação de formadores editores

Nós formadores dispusemos-nos a agir com (entre, sobre, de) os professores dos EPELLE, nos processos de formação planejados nesta dimensão discursiva, contextualizando-nos nesses propósitos dialógicos, prestando atenção às formas de comunicação (as felizes e as infelizes), avaliando-as discursivamente como bem ou mal sucedidas, no contexto desta interlocução formadora, tudo isto, dinamizado assim, por dentro de formas de pensar nossos objetivos curriculares de formação de professores sobre o tema da linguagem na escola, reverteu-se em vontades de dizer dos docentes.

As suas formas de enunciação estavam anteriormente silenciadas, ocultas ou inertes, anesthesiadas, conseqüência de sucessivos e repetidos outros modos de

tratamento que recebem os docentes, através de formatos de formação designados e realizados como reciclagem, atualização, formatação, especialização e até a própria palavra formação sem que se atribua a esta um sentido sensível ao que se deseja produzir teoricamente concebido, com coerência.

A escrita dos textos aqui apresentados revela o quanto, indiretamente, uma interlocução que altera os sujeitos e produz a necessidade de novas produções discursivas pode alterar as práticas na sala de aula, no chão da escola. Temos pensado nesta homologia, paralelismo, que não significa reprodução automatizada, ou repetição inconsciente (e inconsequente, evidentemente) de discursos, mas sim relacionada a processos, dinamizados por sujeitos. A homologia de processos permitiu-nos apostar que se agíssemos por formas de nossa interlocução bem balizadas, junto a nossos interlocutores professores da educação básica, produziríamos efeitos subjetivos, de tal forma que os professores desejariam produzir efeitos semelhantes sobre seus alunos. Esta a coerência de nossa formação oferecida.

Nesta pesquisa-formação, a ação de formação é suficiente, não há necessidade de ações dentro da escola, lado a lado com o professor, pegando-lhe na mão para que aprenda a fazer, como em pesquisas que necessitam de verificações das verdades, indo para dentro do contexto da sala de aula para se checar e provar então a eficácia do que foi aprendido da formação. A formação na perspectiva discursiva que pudemos propor a estes professores que se tornaram escritores e autores de sua escrita encerra por ela mesmo, por seus modos de funcionar e agir sobre os sujeitos, um espelhamento, refletindo os sentidos que se produziram para cada professor, que não supomos serem em nada idênticos uns aos outros. Cada professor tem sua história de vida, sua história de formação profissional e história escolar, o que apenas complexifica e torna ainda mais imponderável (e belo e encantador) o desdobramento do que oferece como conhecimento o formador.

Numa pesquisa ação, necessariamente, a relação com os sujeitos de pesquisa é de maior proximidade, mais problematizada, por ser circunscrita e portanto criada em consequência da própria pesquisa. A ação da pesquisa é o próprio objeto estudado. O processo desencadeado por esta ação é o espaço-tempo da própria vida-pesquisa. Não há separação, a pesquisa não "vai à"

realidade, mas mergulha na realidade, seleciona elementos da realidade e há assim uma fusão, mas não do pesquisador com seus sujeitos, mas deste com a realidade, pois ele inscreve-se enraizadamente em seu campo, o campo de pesquisa, que assim é vivido vividamente.

Portanto, preocupamo-nos durante qualquer processo de formação que planejamos e que se vê instaurado com a conceituação e compreensão constante do que possa ser considerado como a *voz docente* (BAKHTIN, 2002). A voz só pode ser considerada se se avalia a produção de uma escuta e de uma resposta: a escuta desta voz pelos formadores, do que dizem e querem dizer com os enunciados dos professores; a escuta da voz pelos formadores; as escutas das vozes docentes pelos próprios pares, compreendida pelos formadores; a escuta dos silêncios da voz docente; uma escuta pelos diferentes professores, do que é dito pelos formadores... e as consequentes formulações de respostas.

Tendo em vista esta concepção e valorização da *voz dos professores* presentes aos encontros, planejávamos os espaços de enunciação que precediam os momentos de escrever. Estes eram situados, privilegiando e dosando os diferentes eixos da linguagem verbal, que consideramos como sendo quatro: a oralidade, a escrita (textos escritos produzidos e enviados de uma semana para a outra), a leitura (indicada pelos formadores) e as análises (meta)linguísticas, a partir das tomadas de palavra (o epilinguístico). O objetivo mais amplo de nossa pesquisa traduzia-se pela escrita de um texto maior.

Calculamos estratégias para que o texto maior pudesse ser formulado. Assim, consideramos que pequenos textos comporiam um texto maior, como os textos aqui apresentados nesta publicação. Cada texto em sua forma final encerra a sua própria história (LILLIS, 2012), a história do texto, de sua fabricação, de sua composição gradual. Os textos contêm as memórias de formação profissional, as memórias de leituras (seus letramentos), as memórias de escola, as relações estabelecidas entre diferentes abordagens das práticas realizadas, as atas de encontros de formação planejamentos de aulas, por exemplo.

Um procedimento metodológico que se revelou bastante profícuo, constitutivo também dos textos, em sua forma mais finalizada, conforme são apresentados neste volume especial, foram as assim designadas *Apresentações de Práticas* docentes. Agendavam-se com antecedência e os professores tinham a

ocasião de apresentar algum momento de seu fazer pedagógico escolar, algum processo que considerassem que valeria a pena ser relatado ao grupo e que se relacionava com os conteúdos teóricos discutidos em nossos encontros, em que os temas iam-se desdobrando. Os textos eram gestados a partir deste momento oral sistematizado, objetivado previamente, em que os professores utilizavam-se de *power-points*, em que incluíam fotografias e às vezes filmes, áudios, além de textos e ilustrações, e traziam também materiais concretos, feitos pelas crianças. No horizonte, sempre colocamos a promessa de esforçarmo-nos para que se desse a efetiva publicação dos textos, embora tenhamos tido bastante dificuldade de canais de publicação, efetivamente². No projeto atual, temos criado estes canais, por nós mesmos, através de um blog e do site do Laboratório (Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação – LEDUC-)

Uma relação nova se concretizou, dentro dos processos de preparação de textos, seja em que momento fosse, ou seja, para a apresentação de práticas, para a escrita de pequenos textos que compuseram os maiores, ou ainda na preparação dos textos que aqui neste volume constam como artigos. Tratou-se do assim designado (uma categoria endógena) “personal epelle”, que significava a adoção espontânea, a partir de aproximações por simpatia, entre um professor formando do EPELLE e um dos pesquisadores mestrando ou doutorando que atuavam como formadores. Este apoio mais estreito, acompanhando de perto a escrita dos textos docentes, foi reconhecidamente positivo, na visão dos professores. Sobre cada uma destas associações, poderíamos muito refletir, pois traduzem estilos de escrita de identidade docente e de orientação muito particulares.

² Interessante notar as dificuldades encontradas para que a publicação de textos docentes se efetivasse. Estou muito satisfeita em ter conseguido a oferta de espaço tão nobre junto ao Grupo Fale da UFJF responsável por esta revista *Práticas de Linguagem*. Em uma das ocasiões anteriores, em que tive dificuldades para receber qualquer sinal positivo para publicar estes textos, a compreensão equivocada da leitura de meu projeto junto a agências de fomento era de que eu estava tentando obter financiamento para publicar meu próprio livro, ou individual ou de pesquisa. Esta leitura errada me indica o quanto não se cogita a possibilidade (por esta ser quase inexistente) de que professores possam ser autores e publiquem seus textos não de pesquisadores mas de professores, textos profissionais, escritos para um “mercado” de leitura docente.

Sobre os textos produzidos

Os textos deste dossiê, apresentados em volume especial, se apresentam de formas muito diferentes, como se poderá observar. No quadro abaixo, levantamos algumas de suas características, bem superficiais, mas que revelam esta diversidade:

Nome do autor	Número de páginas	Número de referências bibliográficas
Jaqueline Lima	12	10
Natasha Abrantes	14	13
Luciene Ximenes e Ana Bellot	7	3
Bárbara de Mello	12	9
Flavia Carvalhal	16	14
Gisele Amorim	14	18
Naara Maritza	22	15
Elaine Lourenço	41	8
Simone Werneck	7	1
Renata Gondim	14	13
Beatriz Donda	19	8
Média	16,2	10

Assinalamos apenas algumas características particulares analisadas. Estas análises são ensaios, permitindo criar critérios para que possamos almejar nos tornarmos editores, num futuro próximo. Este é o objetivo da próxima pesquisa. Ora, na pesquisa anteriormente terminada, o desfecho bem sucedido consistiu nesta coleção de textos de professores, esta foi nossa grande conquista, provando que os professores podem escrever com rigor e estilo, o talento docente marca textos de uma forma muito positiva, talvez apontando para a superação da dificuldade de encontrarmos textos formadores.

Os textos mais formadores muito provavelmente serão textos escritos por docentes e não por formadores pesquisadores. Portanto hoje podemos almejar sonhar com um mercado de produção de textos docentes. Para que isto ocorra,

inscrevemo-nos hoje na posição de editores. Eis alguns dos critérios levantados, a partir da análise dos textos dos docentes.

Pelo princípio que imaginamos da homologia de processos, para que o professor torne-se um escritor autor, seu texto profissional terá como tema principal os textos infantis, de seus próprios alunos. A análise dos textos das crianças constitui de forma muito prioritária o texto do professor, pois tratá-lo e analisá-lo significa tratar e analisar seu próprio trabalho. O texto infantil é a culminância de qualquer trabalho com a linguagem, revelando a singularidade da produção responsiva de cada aluno, que por sua vez terá na análise feita pelo professor, uma escuta e uma resposta, em uma dimensão ampla.

Embora devamos buscar encontrar nos textos de professores com muito vigor referências feitas às teorias da linguagem e da educação, que entretecem os textos docentes, as formas como estas referências serão feitas deveriam revelar a autenticidade profissional, e portanto diferir (ou não necessariamente corresponder) aos modos acadêmicos preconizados aos que escrevem cientificamente. O letramento profissional docente e o letramento acadêmico não necessariamente coincidirão em suas regras de adequação.

Conforme se vai verificar na leitura do conjunto de textos, a memória (de leituras profissionais, de escola, por exemplo) se imbrica na construção dos textos, trazendo o caráter de vivência e funciona normalmente como um elemento desencadeador das proposições que são feitas pelos autores dos textos de professores, uma parte biográfica.

Essa a nossa aposta, esses os princípios que guiaram o processo que desemboca nos textos aqui produzidos. Eles estão hoje fertilizando novos processos de formação docente, de onde mais produtivamente se estão formulando novos textos de professores sobre suas práticas, principalmente alfabetizadoras. Esperemos que o mercado de textos docentes seja num futuro bem próximo tão rico e diversificado que produza leitores docentes e mais e mais autores autorizados a produzir sentidos e ideias que possam transformar o fazer docente e alterar as práticas do dia a dia no chão da escola.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BORGES, J. L. **Pierre Menard autor do Quixote**. Obras completas de Jorge Luis Borges, Volume 1 São Paulo: Globo, 1999.

LARROSA, J. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LILLIS, T. Student Writing as 'Academic Literacies': Drawing on Bakhtin to Move from Critique to Design. **Language and Education**, v. 17, n. 3, 2012.